

“Os mesmos sem roteiro tristes périplos”: os sentidos do deslocamento em Carlos Drummond de Andrade e em Jorge de Sena

Marcelo Franz¹

RESUMO: Este estudo analisa os significados das metáforas do caminho e do caminhar na poesia de Carlos Drummond de Andrade em cotejo com a abordagem do exílio e do não-lugar do sujeito em poemas de Jorge de Sena. As obras destes autores retratam e refletem a sua época de forma complexa, evidenciando a instabilidade psicológica, social e cultural do homem do século XX. Segundo Sena, “A expressão poética, com todos os seus ingredientes, recursos, apelos aos sentidos, resulta de um compromisso: um compromisso firmado entre um ser humano e o seu tempo”. As temáticas que nos propomos a analisar em Drummond e Sena mostram, para além da sintonia entre ambos, a experiência do testemunho lírico e humano na forma de uma imersão do escritor em sua época. Analisaremos, a partir disso, as contradições, aceitas e assumidas pelos poetas, do conceito polissêmico e indefinido de “moderno” e as ponderações possíveis em face do modo como o deslocamento se enuncia no que eles escreveram e o que isso diz sobre o mundo, o tempo (e a poesia) em que viveram.

PALAVRAS-CHAVE: Drummond. Sena. Deslocamento. Poesia.

“THE SAME WITHOUT SCRIPT SAD JOURNEYS”: THE MEANINGS OF DISPLACEMENT TO CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE AND JORGE DE SENA

ABSTRACT: This study analyzes the meanings of the metaphors of the path and the walk in the poetry of Carlos Drummond de Andrade in comparison with the exile and subject's displacement in Jorge de Sena's poems. The works of these authors represent their time in a complex way, highlighting the psychological, social and cultural instability of 20th century man. According to Sena, "The poetic expression, with all its ingredients, resources and appeals to the senses, results from a commitment: a commitment signed between a human being and his time". More than the equality between them, the themes we propose to analyze in Drummond and Sena show the experience of lyrical and human testimony in the form of an immersion of the writer in his time. We analyze also, the contradictions, accepted and assumed by the poets, of the polysemic and indefinite concept of "modern". This concept is important for understanding the theme of displacement and what it says about the world, the time (and poetry) in which these poets lived.

KEYWORDS: Drummond. Sena. Displacement. Poetry.

1 Caminhos Cruzados – O passeio pelo século XX

O largo período do contexto de produção poética de Carlos Drummond de Andrade e de Jorge de Sena é contemporâneo de conflitos e embates que convulsionaram a realidade social e cultural do século XX, seja nas relações internacionais, seja internamente nos países de origem dos dois poetas. Durante os anos da formação pessoal e intelectual de ambos se assistiu às guerras mundiais, ao surgimento do nazi-fascismo, à implantação, consolidação e crise do

¹ Professor Adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

socialismo na União Soviética, à incerta reconstrução posterior a esses conflitos, sempre se tendo à espreita a possível eclosão de outros.

No Brasil de Drummond viu-se, depois da revolução de 1930 (que tirou do poder a antiga elite política dos primeiros anos da república), a ascensão do governo autoritário de Vargas. Os anos de seu envelhecimento seriam os da guerra fria, decisiva para a instauração da ditadura militar no Brasil. No Portugal de Sena, o fato social e político mais destacado e que muda os rumos de sua biografia e de sua poética é a implantação e a longuíssima duração do Estado Novo, os anos de obscurantismo totalitarista do governo Salazar, sentido e combatido por quase toda a intelectualidade portuguesa dessa época.

Por certo, todos esses fatos desencadearam debates políticos e estéticos que muito influenciaram as poéticas de Drummond e de Sena. Além do debate memorialístico/testemunhal de suas “viagens” pessoais pelo tempo em que viveram, a tematização dessas experiências atinge, em ambos, o filosófico e o pensar social, aliando a expressão de suas paixões ideológicas (com desenganos e frustrações) à reflexão sobre os “(des)caminhos” do mundo moderno.

As metáforas da viagem e do (des)caminho usadas acima são tomadas dos textos dos próprios poetas. Difuso no todo do que Drummond e Sena escreveram, o tema do deslocamento se mostra reincidente e polissêmico e, segundo o que cogitamos, é uma alentadora porta de entrada para a compreensão do que esses poetas/pensadores propõem como leitura da situação do homem e do artista na modernidade.

Como era de se esperar, devido ao fato de se estender por um conjunto de textos que abrange muitos anos, essa sua leitura do mundo moderno é também “caminhante”, processual, mutante, não linear. Eles propõem aos leitores um roteiro de entendimento de suas obras que também não nos livra, quando os estudamos, de umas tantas pedras no meio do caminho ou da entrada em intrincados labirintos habitados por eventuais minotauros. Em suma, o mínimo que se pode perceber é que, ao tematizarem o deslocamento, os textos de Drummond e de Sena mostram o variável – por vezes aberto à complexidade da incoerência - como tônica dominante.

Nos dois casos, a trajetória do sujeito pessoal se vê entrelaçada à trajetória do poeta, acompanhada do crescente reconhecimento da importância de cada um para o contexto das literaturas nacionais de que fazem parte. As figuras públicas dos escritores Carlos Drummond de Andrade e Jorge de Sena vão demonstrando, na evolução de seus escritos – seja no plano formal, seja nos temas abordados – um amadurecimento que reflete aquele pelo qual passam os dois sujeitos e sua inserção na sociedade. Ao longo desse processo, estão em constante

transformação diante do mundo e de sua poesia.

Cumprir lembrar que suas trajetórias se cruzariam nos desvãos pelos quais o fazer poético e as vicissitudes políticas os levariam. Criou-se uma interlocução cordial, germe de uma possível amizade que nunca se desenvolveu plenamente, mas sempre se prometeu pela admiração recíproca e o coleguismo na prática da poesia. O contexto dos primeiros contatos – que ainda eram à distância – é o das intensas relações de curiosidade recíproca entre os modernismos português e brasileiro intensificado pela difusão de revistas literárias (sobretudo as portuguesas) das décadas de 1940 e 1950. Data de 25 de maio de 1946 o que parece ter sido a primeira referência de Sena ao nome de Drummond: uma “Nota biográfica” e um rápido comentário a propósito do poema “Procura da poesia”, intitulado “Uma arte poética”, ambos publicados no n.º 3 da revista *Mundo Literário*. Ainda nessa mesma revista, a de n.º 4, em primeiro de junho do mesmo ano, Sena voltaria a tratar de Drummond ao saudar a publicação de *A Rosa do Povo*, afirmando:

Em presença de um poeta como Carlos Drummond, a atitude de um crítico, que não seja poeta só nas horas vagas, é de contínua e sobressaltada admiração. Que a admiração, de poeta para poeta, não se suspende apenas das perfeições, mas das imperfeições paradoxais e imprevistas. Tudo menos o seu tão pessoal sentimento do mundo é imprevisto na poesia de Drummond. (SENA, 1988, p.41-42)

Em 1949, Drummond agradeceria da seguinte forma o segundo livro de poemas de Jorge de Sena – *Coroa da Terra* –, que lhe fora enviado pelo poeta português:

Meu caro poeta Jorge de Sena: Venho agradecer-lhe a grande poesia de *Coroa da Terra*, de uma altura e de uma profundidade que me causam uma sensação de vertigem. Seria difícil extrair mais essência poética das coisas deste nosso mundo incoerente. Sua poesia é participação e superação da vida. Eu sinto nela uma sabedoria dramática, de raízes dolorosas, mas atingindo à (sic) mais pura e concentrada beleza. Toda a admiração e fiel estima de Carlos Drummond de Andrade. (ANDRADE, *apud* LOURENÇO, 2013, p.209)

Nos anos 1950 e 1960 o exílio imposto pela política salazarista obriga importantes intelectuais portugueses a escolherem viver no Brasil, desenvolvendo uma intensa atividade cultural e de resistência no estrangeiro à ditadura que vigorava longamente em seu país. Sena chega ao Brasil em 1959 para permanecer até 1965, período no qual trataria de estreitar as relações com seus amigos brasileiros. Com Drummond, ele se encontraria algumas vezes e trocava livros, também cartas breves e afáveis. Paralelamente, em sua atuação como professor universitário e crítico literário, Sena teria em Drummond um objeto de estudo destacado em sua reflexão acadêmica. É mais tarde, contudo, em 1972, já no exílio americano (precipitado pelas ameaças vindas da outra ditadura de que fugiu, a brasileira, pós-1964), que Sena encontraria uma forte razão para intensificar, quase ao ponto da intimidade, o diálogo por

escrito (em cartas mais longas) com o poeta brasileiro.

Trabalhando nos Estados Unidos, o professor Sena foi convidado a atuar como consultor do *Books Abroad*, depois *World Literature* e indicou o nome de Drummond para o *Neustadt International Prize for Literature*, acreditando que um autor de língua portuguesa mereceria tal honra e que o todo da obra poética do brasileiro justificava a escolha. A correspondência entre os poetas é, então, feita das tratativas para que Drummond, de proverbial temperamento arredio, se convencesse da validade da indicação feita pelo colega português. Aceita com alguma relutância, a indicação, ao fim, não resultou na premiação (que ficaria com o colombiano Gabriel García Márquez), mas mostra o ponto alto de uma interação intelectual de respeito recíproco que se estende por três décadas, até a morte de Sena em 1978 e que está registrada num corpus de cartas, bilhetes e dedicatórias organizado por Mécia de Sena e Jorge Fazenda Lourenço publicado pela revista *Granta* em 2013.

2 O bicho de Itabira e o expatriado – cartas e poemas do(s) exílio(s)

A visão geral desse contato entre os poetas mostra a preponderância do exílio como um fator de aproximação. Difícil supor uma possibilidade de interlocução que prescindisse (como seria desejável) da incômoda condição de expatriado vivenciada por Sena que, expulso de Portugal, tornou-se brasileiro por adoção e (favorecido disso) inteirado da literatura brasileira por circunstância da atividade universitária a que se deu no país. Na amizade deles, com efeito, parafraseando o célebre poema do brasileiro, “tinha um exílio no meio do caminho”. É curioso notar que em uma passagem da sua correspondência (de 29 de maio de 1972), em meio à ponderação de prós e contras da indicação do brasileiro ao prêmio *Neustadt*, e da necessidade de ir aos Estados Unidos para a cerimônia, Drummond observa uma divergência entre ambos a respeito do deslocamento, argumentando que, diferentemente do nômade Jorge de Sena, ele se via como um “antivajante nato e irremediável”. Na mesma carta, Drummond adverte o amigo:

Não, meu caro Jorge, eu não conto comigo para essa ideia de viagem a Oklahoma. Sou o que sou, um bicho de Itabira-do-Mato-Dentro que não consegui jamais acostumar-se ao trânsito por outros sítios menos cobertos de mato... (DRUMMOND, *apud* LOURENÇO, 2013, p.227).

Trata-se de uma autodefinição razoável para a distinção de sua trajetória em relação a de Sena, mas que pode ser problematizada quando analisamos a representação poética do périplo existencial traçado por Drummond em seu aparente sedentarismo. Talvez o seu não “acostumar-se ao trânsito por outros sítios” oculte um intenso mover-se por dimensões da condição do homem moderno que nada devem a uma real experiência *globetrotter*, que nem lhe

fez falta.

Os caminhos de Drummond começam em Itabira, núcleo irradiador de sua compreensão do mundo. Mas as contradições entre o que projetam em seu imaginário os espaços do rural e do urbano se espalham desde cedo na criação do poeta, como observa Cristian Pagoto:

De um lado, o desejo de revolução política e social, capaz de instaurar uma nova ordem, de outro, o gosto e a manutenção dos valores tradicionais, representados pelo clã dos Andrades. Seus livros podem ser vistos como um conjunto organizado paralela e contraditoriamente. Revelam a decadência da oligarquia rural mineira em luta com a urbanização e a industrialização e a esperança instaurada pelo tenentismo de 30. (PAGOTO, 2008, p.90)

A experiência dessa contradição evidencia um eu lírico cuja evolução, seguindo a trajetória da vida de Drummond, vai da província para o mundo (a cidade) para retornar, eventualmente (e sempre num complexo processo memorialístico) às origens provincianas a fim de se reconhecer (ou desconhecer). Tal movimentação, em que pesem as distâncias físicas percorridas serem menores do que as que percorreu Sena, implica a transformação do caminhante. Com efeito, apesar do apego à província originária, perdida e buscada de um modo crescentemente crítico, a poética drummondiana é decidida pelo seu contato com a cidade, feito de um inevitável caminhar até ela e por ela.

Tem forte peso semântico o tema do caminhar na poesia moderna, principalmente o caminhar pelas cidades. A modernização dos centros urbanos afeta a escrita da poesia – dando-lhe temas e repertório linguístico – bem como a construção do sujeito lírico (possível espelhamento no ser do homem moderno) nas obras de diferentes autores. Diego Petrarca (2008, p.10) observa:

A modernidade é um fenômeno essencialmente urbano que passou a produzir uma arte das cidades, que traz em si complexidade e tensão, elementos que são a própria essência da arte modernista. O poeta, a partir do século XIX, vê-se atraído pela cidade, e essa cidade surge como uma metáfora de uma nova ordem social e tecnológica

Em Drummond, a representação poética do perambular pela cidade-mundo é correlata a essa visão dos espaços urbanos. Desse modo, o seu trajeto ecoa um passeio tenso pela modernidade – sem desconsiderar as marcas permanentes de sua vivência no mundo arcaico que o gerou – buscando construir sentidos. São empregadas, para a expressão desse embate, algumas metáforas que espelhem essa condição. A do movimento (seja a pé, seja em algum veículo, como o bonde, por exemplo) junto com a de espaços de movimentação (ruas, caminhos, estradas) responde à intenção de traduzir uma reação qualquer – fuga, revolta, empenho na busca de uma solução – diante da opressão interior do eu lírico, que observa a

desconjunção do mundo a que pertence.

O eu poético drummondiano é abordado por um anjo torto, em “Poema de Sete Faces” (o que abre *Alguma Poesia*, de 1930), com uma incitação ao movimento: “Vai, Carlos, ser gauche na vida”. O peso dessa “ordem” é sentido pelo sujeito, que, mesmo pressupondo o desajuste – se põe a caminho, observando (e absorvendo) em seu perambular imagens típicas do mundo moderno:

(...) O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada (...) (ANDRADE, 2015, p.10)

Seu caminhar hesitante pela cidade, com tudo o que ela representa como metáfora, mistura pânico e maravilha, o que o leva a hesitar entre as coordenadas do “coração” e dos “olhos”. Essa oposição demonstra o conflito interior/exterior do eu lírico, ou nas palavras de José Guilherme Merquior (1976, p.12), a oposição entre “a sensualidade da percepção” e “a pureza de sentimento”. A cidade de sete (mil) faces é ao mesmo tempo destino e desengano. Muito excita e pouco oferece ao andarilho. Metonímia do mundo (que é vasto), a cidade não permite que o eu poético “rime” com ela. É difícil delimitar a raiz do problema, se seriam os caminhos (bifurcados, labirínticos, povoados de informações, desejos e frustrações na variedade de paisagens que se deixam ver) ou se seria o caminhar, entendido como a forma de o sujeito palmilhar esses espaços (trôpego, claudicante, meio desorientado por natureza). O que resta dessa andança, que passa em revista as paisagens de um mundo grande e misterioso (do qual o apelo da fuga é tão gritante quanto infrutífero), é a comoção final (“eu não devia te dizer/ mas essa noite, mas esse conhaque/ põem a gente comovido como o diabo” (ANDRADE, 2015, p.10)), sinal de um mergulho no mundo do eu, abalado pela incompatibilidade com o mundo pelo qual caminha.

Essa incompatibilidade é ecoada em outro poema da fase inicial da poesia drummondiana, de análise obrigatória quando abordamos o tema desse artigo: “No meio do caminho”, também publicado em *Alguma poesia*:

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra (ANDRADE, 2015, p.20)

A análise precisa dos sentidos desse breve texto – que já foi visto tanto como mera “piada” ao supostamente parodiar Dante Alighieri e Olavo Bilac, quanto como reflexão filosófica das mais herméticas – é ainda uma questão em aberto. De todo modo, no contexto pessoal (da biografia de Carlos Drummond de Andrade), o poema é a senha para a constituição de um perfil de poeta precocemente amadurecido. A chave da leitura do poema parece estar na consideração a três elementos indissociáveis na narrativa que se constrói pelo texto: o eu caminhante, o caminho e a pedra. Aliadas a essas três grandes metáforas, o texto enuncia outras três, derivadas do “advento” da pedra no caminho de quem anda: as ações de parar, olhar (no sentido de contemplar, considerar) e significar o acontecimento. A interrupção no transcurso do caminhante sugere a importância do “evento” pedra, um possível desafio ao fluxo da caminhada. Lida em aliança com os outros poemas desse tempo em que se desenha o “eu todo retorcido” enunciado no célebre estudo “Inquietudes na poesia de Drummond”, de Antonio Candido (1995), essa interrupção faz pensar na instabilidade do eu em seu transcurso no mundo, instabilidade provocada pela vivência irrefutável da condição de “gauche”, aquele que é condenado a ir (“vai, Carlos”) sem garantias de que vá chegar, seja porque os embates do caminho o levarão a ter de parar, seja porque o seu caminhar – ou a sua forma de caminhar – não lhe permite atingir um destino de modo direto e linear.

Para o jovem poeta de *Alguma Poesia*, para o poeta mais maduro, de *Brejo das almas*, a sociedade oferece obstáculos que impedem a plenitude dos atos e dos sentimentos, como no poema que se tornou paradigma, “No meio do caminho” (...). A leitura optativa a partir do terceiro verso (que se abre para os dois lados, sendo fim do segundo ou começo do quarto), confirma que o meio do caminho é bloqueado topograficamente pela pedra antes e depois, e que os obstáculos se encadeiam sem fim. Da barreira que formam, vem de um lado a restrição que o mundo opõe ao eu e é uma das forças que o levam a torcer; de outro lado, o desentendimento entre os homens (CANDIDO, 1995, p.76).

Mas as três ações do sujeito lírico diante da pedra (parar, olhar e significar) são entendidas como o que lhe cabe fazer. Talvez o caminhar se justifique exatamente pela existência da pedra e a ilusão de um caminhar fluente com destino certo não condiga com o “dever” (o caminhar) do homem moderno com seus caminhos lineares todos desfeitos pela história, pelas incongruências do projeto de humanização num mundo que aparentemente rejeita essa utopia.

Chama-nos a atenção a sintonia de sentido entre “No meio do caminho” e “A máquina do mundo”, poema de maturidade (entendido por alguns críticos como o melhor poema brasileiro do século XX), publicado em *Claro enigma* (1951). Esse longo texto é em tudo contrastante com o ousado e polêmico “poema da pedra”, datado da juventude de Drummond. Há nele um rigor formal que o afasta do legado do primeiro Modernismo, junto com uma

refinada remissão aos clássicos. Conforme observa Alcides Villaça, o diálogo de "A máquina do mundo" com a *Divina comédia* e a *Os Lusíadas* decorre não apenas da referência ao ambiente visitado pelo eu lírico (novamente uma estrada) e à ação vivida por ele, mas também da opção de estilo feita pelo poeta:

(Há no texto) um vocabulário e uma sintaxe a que não faltam a escavação etimológica, a forma arcaica, a palavra desusada, bem como fortes inversões, a posição pouco usual de adjetivos, o distanciamento entre o verbo, o sujeito e os complementos - tudo oferecendo à leitura imediata a resistência das construções linguísticas elaboradas, à margem da fluência coloquial, ou da segmentação epigramática, ou das colagens e sínteses da poesia moderna. (VILLAÇA, 2006, p.87-88).

Mas a igualdade entre os poemas drummondianos se estabelece, tematicamente, na ocorrência do tropo de um caminhante palmilhando uma estrada e se deparando com uma aparição inesperada que interrompe seu fluxo. Assim como em "No meio do caminho", há em "A máquina do mundo" a necessidade de se parar, contemplar e significar o objeto da interrupção. Contudo, essas ações são, no segundo texto, mais detalhadas, assim como a força do evento, que não é uma pedra, mas um mecanismo complexo por meio do qual se mostram ao entendimento do eu lírico as respostas para todos os seus desenganos. A sua decisão de, mesmo seduzido, se afastar do que lhe é oferecido tem merecido distintas análises por parte dos estudiosos de Drummond. Marcelo da Rocha Lima Diego faz um breve apanhado de algumas considerações célebres a esse respeito:

Alcides Villaça sugere que a arquitetura majestosa da máquina (e da máquina-poema) tem como efeito destacar o vazio do sujeito desenganado que ela abriga; Luiz Costa Lima compreende a recusa como uma renúncia desse sujeito desencantado à compreensão da História; José Guilherme Merquior vê aí a lassidão do homem sem fé, a força da inércia e a persistência da fadiga e Vagner Camilo crê que a gratuidade da oferta acarreta a sua recusa, em função de uma busca do indivíduo. (DIEGO, 2014, p.53-54)

O fato é que a oferta de uma solução definitiva, que supostamente "limparia" o caminho do andarilho pelo mundo, livrando-o das pedras que viria a encontrar, é algo vivenciado como sedução e canto de sereia para ser, ao fim, rejeitado, uma vez que essa solução e, afinal, um caminho sem pedras, é algo que o Drummond da maturidade sabe não ser possível e nem mesmo desejável. Apesar de incerto, só o caminhar se apresenta como certeza na vida.

A experiência "gauche", entendida como a de inadequação do sujeito aos sistemas de condicionamento ou enquadramento impostos pelo mundo, é também presente na poética seniana, muito frequentemente sinalizada pelos tropos do exílio e do exilado. Por certo, a caracterização do inadequado em Sena congrega aspectos de sua biografia e de sua bibliografia (aí incluídas tanto a poesia quanto a reflexão crítica), já que, para o autor português, é do testemunhal vivido que se alimenta sua escrita. Numa ousada problematização do primado

peçoano do “fingimento” como fundamento da poesia, o Sena teórico chega a afirmar:

Se o “fingimento” é, sem dúvida, a mais alta forma de educação, de libertação e esclarecimento do espírito enquanto educador de si próprio e dos outros, o “testemunho” é, na sua expectativa, na sua descrição, na sua vigilância, a mais alta forma de transformação do mundo, porque nele, com ele e através dele, que é antes de mais linguagem, se processa a remodelação dos esquemas feitos, das ideias aceites, dos hábitos sociais inconscientemente vividos, dos sentimentos convencionalmente aferidos. Como um processo testemunhal sempre entendi a poesia, cuja melhor arte consistirá em dar expressão ao que o mundo (o dentro e o fora) nos vai revelando, não apenas de outros mundos simultânea e idealmente possíveis, mas, principalmente, de outros que a nossa vontade de dignidade humana deseja convocar a que o sejam de fato. Testemunhar do que, em nós e através de nós, se transforma, e por isso ser capaz de compreender tudo, de reconhecer a função positiva ou negativa (mas função) de tudo, e de sofrer na consciência ou nos afetos tudo. (SENA, 1988, p.26)

Em que medida contestar o fingimento peçoano não soaria como discutir um dos pilares conceituais da modernidade em poesia? É Eduardo Lourenço quem sustenta a possibilidade de Sena não ser um pleno modernista, “nem por sua situação, nem por sua atitude” (LOURENÇO, 1995, p.12), apesar de pertencer a esta geração. Para o estudioso, Sena já nasceu adulto e livre de qualquer influência ou tutela, acabando por se tornar “o interlocutor excepcional da memória poética do Ocidente” (LOURENÇO, 1995, p.12). Isto ocorre, segundo Lourenço, pelo fato da poesia de Jorge de Sena ultrapassar ou exceder qualquer movimento literário, instituindo sua própria cosmogonia, criando uma nova linguagem a partir da história e do exílio da palavra, em busca da humanidade. Talvez devêssemos aqui ponderar sobre a inexistência de um nexo obrigatório entre ser “moderno” – inserido num contexto de mentalidade conduzido pelas coordenadas do mundo moderno e reagindo a elas como um homem desse tempo – e ser “modernista”, adepto de um movimento datado e pautado numa concepção de arte restrita a um momento histórico. Se isso for possível, temos em Jorge de Sena uma experiência humana profundamente moderna associada ao apego a uma literatura para além do seu tempo.

O que Lourenço chama de “exílio da palavra”, possível interdição essencial ao poético na sociedade, é o que determina a marginalização do poeta, degredado por pretender aquilo que, no trecho citado antes, Sena nomeia como “a mais alta forma de transformação do mundo”, ou “a remodelação dos esquemas feitos, das ideias aceites, dos hábitos sociais inconscientemente vividos, dos sentimentos convencionalmente aferidos”.

Caio Gagliardi observa que, como cidadão e como poeta (vivências interdependentes), “Jorge de Sena vivenciou um duplo exílio. Mas eu diria, desde já, que encarnou com especial intensidade o pathos do exilado, convertendo-o num ethos, isto é, em substância decisiva de sua poética” (GAGLIARDI, 2014, p.14). Com efeito, em sua escrita, a condição individual de exilado

se torna, para além de uma simples experiência de perda ou subtração, uma condição de existência. O cidadão em seu embate contra o sistema opressor que o rejeita encontra reflexo no ser do poeta, cuja expressão, voz da divergência, também não se adapta ao que propõe a estrutura de pensamento da qual faz parte. Deriva disso o que Helder Macedo vê como a busca por uma pátria que se transfigura em uma busca por identidade (MACEDO, 2001, p.133-143) que tanto é a nacional como a existencial.

Sena, ao deixar Portugal, encontra a aparente paz necessária para, com trabalho intelectual intenso e sem a pressão do Estado Novo (que ele continuaria combatendo no exílio), tornar-se um dos nomes portugueses mais destacados das artes e do pensamento em seu tempo, com uma experiência pessoal e uma obra que atingem o universal. É Carlos Drummond de Andrade quem observa, contudo, a incompletude inevitável decorrente dessa condição de cidadão do mundo ostentada por Sena. Na homenagem que lhe presta quando de seu falecimento, o colega brasileiro pondera: “Faltou a Jorge de Sena uma pátria constante e receptiva, que agasalhasse o seu destino de intelectual e erudito a serviço exclusivo do espírito” (ANDRADE *apud* LISBOA, 1984, p.112). Essa sentida reflexão é, por certo, calcada no lamento pelas circunstâncias que obrigaram Sena ao périplo que teve de percorrer afastando-se de sua terra. Do seu ponto de vista, o sedentário Drummond parece deduzir o custo dessa “falta”, sobretudo para o cidadão Sena.

Há quem destaque, para além da insegurança a que o seu nomadismo se associa, o lado aventureiro da condição de expatriado de Sena. Segundo Luís Adriano Carlos, “poucos poetas produziram como Jorge de Sena uma imagem tão viva e profunda dessa aventura grandiosa que é a Emigração — ou, na sua vertente mais amargurada, o Exílio.” (CARLOS, 1983 *apud* FAGUNDES, 2001, p.51). O fato é que, num de seus textos mais complexos, “Em Creta com o Minotauro” publicado em *Peregrinatio ad loca infecta* (1969), o poeta português problematiza a noção de pátria ao proclamar, em tom crítico e irônico:

Com pátrias nos compram e nos vendem, à falta
de pátrias que se vendam suficientemente caras para haver
vergonha
de não pertencer a elas. Nem eu, nem o Minotauro,
teremos pátria nenhuma (SENA, 1978, p.42)

Forçado a emigrar para o Brasil e depois para os Estados Unidos, é notória a percepção por parte de Sena de que, para além dos infortúnios da censura por motivos políticos, também Portugal era-lhe uma terra de exílio, na qual a luta pela transformação que resultasse na libertação da ditadura nem sempre era premiada com o reconhecimento do valor de sua obra, fato que ele vivenciaria de modo trágico ao tentar voltar ao país depois da redemocratização. No poema, a pátria de que ele se ressentia tem as marcas de uma utopia, uma busca que se

justifica em si mesma, já que é fadada a não se concretizar, sendo a peregrinação uma constante, algo como ser destinado a não ter um destino. Esse motivo poético repercute tanto a condição do sujeito histórico diante do desconcerto dos sistemas políticos como a do poeta face a um mundo insensível à sua expressão.

“Em Creta, com o Minotauro”, embora pareça partir deles, contesta os ressentimentos nacionalistas. O eu lírico, definido como um desterrado, aceita a identificação transnacional que abole fronteiras, ainda que o tom por vezes contundente de seu discurso traia um sutil sentimento de saudade, que pode ser o preço a se pagar pela libertação do que há de limitador no conceito de “pátria” como visto acima:

Nascido em Portugal, de pais portugueses,
e pai de brasileiros no Brasil, serei talvez norte-americano
quando lá estiver. Colecionarei nacionalidades como camisas se despem,
se usam e se deitam fora, com todo o respeito
necessário à roupa que se veste e que prestou serviço (SENA, 1978, p.41)

A identificação de pátria só pode ser encontrada na poesia:

Eu sou eu mesmo a minha pátria.
A pátria de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações
nasci. E a do que faço e de que vivo é esta
raiva que tenho de pouca humanidade neste mundo
quando não acredito em outro, e só outro quereria que este mesmo fosse”
(SENA, 1978, p.41)

É rica em significados a referência a Creta, aqui tomada em sua dimensão de cidade mitológica, a que nas narrativas antigas seria governada pelo rei Minos. Trata-se, em sua poesia, da representação de um não lugar que idealmente funciona como um lenitivo ao não reconhecimento em nenhuma nacionalidade:

(...) Mas, se um dia me esquecer de tudo,
espero envelhecer tomando café em Creta
com o Minotauro,
sob o olhar de deuses sem vergonha (SENA, 1978, p.41)

Igualmente impactante é a retomada do mito do Minotauro, apresentado tanto em seu aspecto monstruoso como na singeleza do interlocutor amigável do eu lírico desterrado, um possível correlato no que tem de inadequado (ou “gauche”, em linguagem drummondiana). Segundo Alessandro Barnabé Ferreira:

Ambos haveriam de partilhar a mesma experiência pela via da trágica coincidência de serem sujeitos em permanente estado de desterro: o poeta, estrangeirado em seu Portugal de nascença; o Minotauro, isolado de tudo e de todos, em seu labirinto. (FERREIRA, 2017, p.61).

O labirinto também os iguala inexoravelmente e talvez só nele se possa ver alguma hipótese de reconhecimento.

II

O Minotauro compreender-me-á.
Tem cornos, como os sábios e os inimigos da vida.
É metade boi e metade homem, como todos os homens.
Violava e devorava virgens, como todas as bestas.
Filho de Pasifaë, foi irmão de um verso de Racine,
que Valéry, o cretino, achava um dos mais belos da “langue”.
Irmão também de Ariadne, embrulharam-no num novelo de que
[se lixou.
Teseu, o herói, e, como todos os gregos heroicos, um filho [da puta,
riu-lhe no focinho respeitável.
O Minotauro compreender-me-á,
tomará café comigo, enquanto
o sol serenamente desce sobre o mar, e as sombras,
cheias de ninfas e de efebos desempregados,
se cerrarão dulcíssimas nas chávenas,
como o açúcar que mexeremos com o dedo sujo
de investigar as origens da vida (SENA, 1978, p.41)

A aparente frustração no intento de erigir uma personalidade apta ao mundo condiciona o espelhamento entre o poeta e o Minotauro. A descrição algo labiríntica do caráter da fera cordial que o “compreenderá” se estende à do sujeito lírico (andante, errante) que a idealiza. Mas é na confusão do que caracteriza esses seres fadados ao exílio que se encontra a concretização do que aspira o poeta desterrado: “É aí que eu quero reencontrar-me de ter deixado / a vida pelo mundo em pedaços repartida” (SENA, 1978, p.42). A inexistência de um reconhecimento no mundo força o eterno caminhar até a incerta junção dos pedaços do ser do exilado.

3 Caminhadas que não se concluem

No poema “A máquina do mundo”, de que tratamos acima, a voz lírica do texto narra sua reação com o estranho maquinismo que se oferece à sua hesitante observação:

Abriu-se em calma pura, e convidando
quantos sentidos e instituições restavam
a quem de os ter usado os já perdera

e nem desejaria recobrá-los,
se em vão e para sempre repetimos
os mesmos sem roteiro tristes périplos.

Essa sequência aponta para a ambiguidade da experiência do sujeito caminhante face ao que o convida. O suposto (e suspeito) benefício do que a máquina promete aos seus sentidos – mais do que à sua razão, que de certo modo se imporá ao final do poema, “avaliando o que perdera” e aceitando a perda – é contraposto à percepção dos seus limites (um certo cansaço na busca inútil) e à constatação de que mais certa que o caminho (ou o destino a que ele leva) é a impossibilidade de deixar de caminhar, mesmo que pelos mesmos “sem roteiro tristes

périplos”. Há motivos para que se leia esse imperativo do caminhar como uma alusão à contraditória experiência do poeta nos tempos modernos. Perdidas as certezas e seguranças nos sistemas religiosos, ideológicos ou de apreensão racional que deem conta de explicar o mundo e seus flagelos, a arte (e a poesia) é antes a expressão de uma perplexidade caminhante, que ganha sentido não nas respostas que busca, mas nas perguntas que faz.

Esse constante questionar se liga, por certo, à postura preconizada por Jorge de Sena no manifesto “A poesia é só uma”, que abre a segunda série dos *Cadernos de Poesia*, de 1951: “A expressão poética, com todos os seus ingredientes, recursos, apelos aos sentidos, resulta de um compromisso: um compromisso firmado entre um ser humano e o seu tempo” (CARLOS; FRIAS, 2004, p.6-7). Assim como o sujeito caminhante de Drummond, o poeta exilado – refletido na chamativa figura do Minotauro – de Sena é uma testemunha de seu tempo, mesmo que seu testemunho não prime pela certeza e pela acomodação às ordens estabelecidas, razão pela qual estará condenado à incompatibilidade com o universo social. Será sempre um caminhante no indefinido, também fadado aos seus “périplos” sem roteiro e sem parada.

Cumpramos observar que tanto Drummond em “A máquina do mundo” como Sena em “Em Creta com o Minotauro”, ao emitirem suas percepções sobre o inexorável da condição caminhante/reflexiva/exilada do homem e do poeta na modernidade fazem isso por meio de referências à tradição clássica, seja pelo dialogismo com obras de artistas do passado seja pelas citações da mitologia greco-latina. Isso revela por parte de ambos uma ampla percepção dos questionamentos da condição humana que atinge o atemporal. A aceitação dos referenciais de (muito) antes para consubstanciar suas leituras do que marca o ser do homem do século XX confere às suas reflexões um peso filosófico considerável, próprio do empenho pensante de sujeitos comprometidos com o sentido elevado da poesia como exercício de conceptualização do mundo por meio da reinvenção da linguagem.

Nesse estudo, o que intentamos foi verificar que, à parte a boa convivência, os poetas Carlos Drummond de Andrade e Jorge de Sena, por estradas que eventualmente se cruzam, fazem da descrição do deslocamento uma espécie de leitmotiv de alguns de seus melhores poemas. Talvez não se pudesse equiparar, em todos os casos, as concepções de caminhar que essas reiterações revelam. Mas a própria distância que marcam entre si, estabelecendo pontos fortes para a identificação de cada um, nos direciona à percepção de variadas formas de se ler o ser e o estar do homem e do poeta nos seus embates com a vida moderna, sendo esses autores dotados das melhores condições de representar e repercutir isso.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, C. D. de. *Nova reunião – 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CANDIDO, A. “Inquietudes na poesia de Drummond”, in *Vários escritos*. São Paulo, Duas Cidades, 1995.
- CARLOS, Luís Adriano. “Poesia e referência em Jorge de Sena”. In: *Jorge de Sena vinte anos depois: o colóquio de Lisboa*. Lisboa: Edições Cosmos, Câmara Municipal de Lisboa, outubro de 1988, 2001.
- CARLOS, Luís Adriano & FRIAS, Joana Matos (dir.) *Cadernos de Poesia – reprodução fac-similada*. Porto: Campo das Letras, 2004.
- DIEGO, Marcelo da Rocha Lima "A máquina-teatro de Carlos Drummond de Andrade" in *Portuguese Studies Review*, Vol. 22, No. 1, 2014.
- FERREIRA, Alessandro Barnabé. “Jorge de Sena e o Minotauro: ao desterro sempre!” in *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 21, n. 42, 2º sem. 2017.
- GAGLIARDI, Caio. “O Último Exílio de Jorge de Sena: Em Creta, com o Minotauro” in *Revista do CESP* – v. 34, n. 51 – jan.-jun. 2014.
- LISBOA, Eugénio. *Estudos sobre Jorge de Sena*. Lisboa: IN-CM, 1984.
- LOURENÇO, Eduardo. “Evocação de Jorge de Sena”, In: *Boletim do Sepesp*, Rio de Janeiro: Edições UFRJ, 1995.
- LOURENÇO, Jorge Fazenda. “Correspondência de Jorge de Sena e Carlos Drummond de Andrade”. In *Granta*, n. 2, 2013.
- MACEDO, Helder. “De amor e de poesia e de ter pátria.” In: *Jorge de Sena: vinte anos depois. O Colóquio de Lisboa*, Lisboa: Cosmos – CML, 2001.
- MARTINHO, Fernando J. B. *Jorge de Sena “Aqui no meio de nós”*. Lisboa: Edições Colibri, 2017.
- PAGOTO, C. *As Cidades no meio do caminho de Carlos Drummond de Andrade: da vida besta ao mundo grande*. Dissertação (Mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - Programa de Pós-Graduação em Letras. Maringá, 2008.
- PETRARCA, Diego. *A Escrita da cidade na poesia moderna*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.
- SENA, Jorge de. “A Rosa do Povo – por Carlos Drummond de Andrade”. In: *Estudos de Cultura e Literatura Brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- SENA, Jorge de. *Poesia III*. Lisboa: Moraes, 1978.
- SENA, Jorge de. *Poesia I*. 3ª ed. Lisboa: Edições 70, 1988.

SENA, Jorge de. *Obras de Jorge de Sena: antologia poética*, Lisboa: Edições Asa, 1999.

VILLAÇA, Alcides, Passos de Drummond. São Paulo Cosac Naify, 2006, p.87-88)